

O problema florestal e a ação do presidente Getúlio Vargas

*Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO
Do Serviço de Documentação do D. A. S. P.*

Sempre tivemos imensa simpatia pelos que se batem pela defesa de nossas florestas.

São, infelizmente, manifestações isoladas, que não chegam a tomar fóros de uma campanha educacional sistemática.

À falta de coordenação, seus resultados não têm sido muito apreciaveis. E, no entanto, vêm de longe os protestos contra as derrubadas e a ação devastadora do fogo que, desde o Brasil-colônia, é e continua a ser o melhor elemento de destruição das lindas matas brasileiras.

Nos anúncios de jornais e nas escrituras de venda de sítios e fazendas, é costume mencionar-se que tal ou qual propriedade tem tantos alqueires "de ricas matas virgens e muita água".

É o engôdo.

Quem deseja vender, talvez dissesse melhor assim: "Ainda se pode fazer um pouquinho de carvão para as primeiras despesas"...

Aí está uma ponta de revelação da necessidade, da falta que faz um crédito agrícola bem organizado, a longos prazos e a juros módicos.

Por outro lado, o lavrador precisa também de transportes faceis e baratos e... tarifas ferroviárias bem escorchantes para a lenha e o carvão. E, si fôsse possível, como ligeiro contrapêso, limitação de verdade ao "direito" de "lascar" fogo no que lhe custou seu dinheirinho, como sempre diz muito convencido, enquanto faz um cigarro de palha manhosos...

Si a terra está cansada, a capoeira e a mata virgem que restam na fazenda, já muito distantes de sua sede, não perdem por esperar um pouco.

Na estiagem, no mês de agosto, o fogo lambe tudo, que é uma beleza! Arranja-se num instante mais espaço para plantar e algum dinheiro, com a venda do carvão, para ajudar a pagar a letra, com 10 % de juros escondidos, que a "cooperativa" da cidade aguarda confiante. Mas o Ministério da Agricultura está combatendo o falso cooperativismo.

O Presidente Getúlio Vargas bem conhece as torturas do lavrador, e daí as providências que vai tomado, com segurança e firmeza, para libertá-lo de embaraços e hábitos rotineiros, de quatro longos séculos de prática inveterada por todo o país.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Em 1815, José Bonifácio clamava contra as queimadas e André Rebouças, em 1876, vendo que era preciso preservar alguma coisa do fogo e do machado destruidor, lançou a idéia da formação pelo Governo dos primeiros parques nacionais. Seria um em Guaíra e outro na ilha do Bananal.

Na República, a questão passou a interessar os estudiosos da imprensa, do parlamento e da administração. De vez em quando, um artigo, um discurso, um esboço de lei ou regulamento sobre a defesa de nosso patrimônio florestal.

Em 1899, o saudoso botânico M. Pio Corrêa iniciou a publicação pela imprensa de uma série de trabalhos, que hoje seriam ainda oportuníssimos, pelos conceitos neles emitidos, pelas observações exatas da questão, sob seus inúmeros aspectos.

Ainda agora, ao procurarmos colher estas notas para a Revista do Serviço Públíco, encontramos no Jornal do Comércio, de 28 de abril de 1911, um artigo do grande botânico sob o título "Triste exemplo" e sub-título "A destruição das matas do Estado do Espírito Santo".

Pois bem, decorridos quasi trinta anos dêsse brado de alarme, ainda estamos a ver estarrecidos a derrubada das matas riquíssimas do vale do Rio Doce, reservas de preciosas essências de nossa flora, de alto valor industrial. São queimadas de preferência nos fornos siderúrgicos, porque produzem mais calorias... É realmente de consolar semelhante preferência...

Além de artigos esparsos, que mencionaremos ainda no fim desta reportagem, têm surgido entre nós algumas publicações dedicadas exclusivamente à defesa florestal. Vivem pouco.

O nosso meio, entretanto, não lhes é indiferente. A questão está na sua distribuição adequada, sobretudo entre alunos e professores dos cursos secundários e superiores de ensino do país. É verdade que é indispensável preparar recepção facil a publicações dessa natureza, que seriam subsidiárias de outros trabalhos sobre silvicultura, si dos programas de ensino constasse esta matéria.

Na Escola de Agronomia o curso de especialização de silvicultura precisa ser franqueado mesmo àqueles que não são agrônomos.

Porque, em vez de histórias idiotas como essa do "Caramurú, Caramurú, homem do fogo, filho do trovão!" — como bem o demonstrou recentemente o ilustre Sr. Câmara Cascudo — não se ensina a infância a conhecer ao menos as nossas árvores de ornamentação? E que lendas bonitas e interessantes ha no estrangeiro e aqui mesmo no país em torno de árvores e flores!

Tivemos ha cerca de dez anos, nesta capital, a Revista Florestal, "órgão de defesa das florestas e assistência às indústrias de madeiras e sub-produtos".

Revimos ha dias um exemplar dessa interessante publicação. Na capa, um ipê roxo; e, só isso, constitue, sem dúvida, mostra atraente da beleza de nossas árvores de ornamentação, que vivem escondidas no meio do mato, quando nos jardins públicos e junto às escolas dos arrabaldes poderiam figurar graciosamente, com suas "cúpulas oscilantes", como o delicado poeta Pe-

reira da Silva nos fala, em bela poesia que compôs, ha pouco tempo, para uma "Festa da Árvore" realizada na Gavea.

Do jornalismo passemos ao Parlamento.

Na Câmara dos Deputados, tivemos Homero Batista e Augusto de Lima, justamente considerado "o maior defensor, no Parlamento, das florestas do Brasil".

Na Câmara dos Deputados de São Paulo, o Sr. Fernando Costa propôs várias medidas de reflorestamento do Estado e, mais tarde, como Secretário da Agricultura, executou o que havia preconizado como deputado. Fez mais: ao descobrir as jazidas de fosfatos de Ipanema, agora em franca produção, anteviu os benefícios que daí resultariam para a conservação do nosso patrimônio florestal, por isso que, em se cultivando em terras destocadas e facilmente fertilizáveis, o lavrador não tem necessidade de novas derrubadas.

Fernando Costa vem realizando de fato, porque é um homem sincero.

Em 1925, Francisco Iglesias, no seu anteprojeto de Serviço Florestal, lembrava a criação de parques nacionais.

A AÇÃO DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

O CÓDIGO FLORESTAL

Em 23 de janeiro de 1934, o Presidente Getúlio Vargas decretou o Código Florestal.

Pode dizer-se que êsse Código foi o início de uma legislação, cujos resultados práticos serão vistos adiante.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE PROTEÇÃO À NATUREZA

Sob o patrocínio do Presidente Vargas, reuniu-se nesta capital, de 8 a 15 de abril de 1934, a Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza.

Foi relator geral o professor A. J. de Sam-paio, que em separata do Boletim do Museu Nacional, vol. XI, ns. 1 e 2, publicou seu relatório, que é precioso manancial de informações sobre a flora e a fauna do país.

Graças à gentileza de Magalhães Corrêa, acabámos de lê-lo e não nos podemos furtar ao

prazer de registrar, no fim desta reportagem, algumas notas extraídas desse trabalho e que, mesmo resumidas, não deixam de ser interessantes.

CONSELHO FLORESTAL FEDERAL

Hoje temos uma instituição, cujos membros se reunem duas vezes por mês, só para cuidar do melhor modo de defender as matas do país. Está ela organizando aquela coordenação a que aludimos no início desta reportagem e que seria, sem dúvida, bem eficiente, se contasse com o apôio sincero e franco dos governos estaduais.

Fomos lá ha dias afim de colher algumas notas para êste modesto trabalho e que seriam naturalmente bem interessantes como demonstração dos serviços do Conselho, dignos, sem dúvida, do conhecimento público, atenta sua finalidade educativa, visando despertar amor e respeito à arvore, o que importa dizer preparar ambiente para solução do problema florestal, que é — como disse o professor A. J. de Sampaio — "ao mesmo tempo um problema econômico, um problema social, de higiene, de riqueza, de importância capital e de relevante transcendência".

Embora não tivéssemos conseguido as informações solicitadas, o que muito lamentamos, podemos assegurar que ali se trabalha de fato.

O presidente do Conselho, Dr. José Mariano Filho, vive atento e vigilante na defesa das matas que emolduram a cidade e das árvores de nossos jardins.

Só o Passeio Público lhe dá imenso trabalho.

Assim que êle descobre que vão fazer urbanismo, corre depressa e logo telegrafa ao Presidente da República, ao Prefeito, ao Secretário de Viação da Prefeitura, pedindo clemência para as lindas árvores plantadas no nobre parque, ha 150 anos, por mestre Valentim e visadas pelo machado modernista. E o fato é que as autoridades acabam sempre por atender às solicitações do Dr. José Mariano Filho.

PARQUES NACIONAIS

A Diretoria do Serviço Florestal tem sua sede no Jardim Botânico.

Fomos até lá e falámos ao seu diretor, Dr. Francisco Iglesias, sôbre os parques nacionais.

O reporter sente-se bem conversando com o diretor Iglesias, porque fica logo à vontade e não receia incomodá-lo si precisa fixar no papel suas declarações.

Sôbre os parques, assim se expressou o Dr. Francisco Iglesias

— Ha uma atribuição muito interessante do Serviço Florestal que vem despertando o máximo interesse do povo e merecendo os melhores cuidados do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Fernando Costa: é o aparelhamento dos parques nacionais que, sendo uma imposição constitucional, vêm determinar a proteção da flora, fauna e demais riquezas naturais, além de constituirem novos elementos de turismo e de educação. Estão creados, até agora, os parques nacionais de Itatiaia, compreendendo um trecho esplêndido de soberba região dominada pelas formosas Agulhas Negras, encravado nos limites dos Estados do Rio, São Paulo e Minas, cujos trabalhos de aparelhamento estão bem adiantados; o de Iguassú, abrangendo as célebres cataratas brasileiras tidas como as maiores do mundo, de incomparavel beleza, igualmente em serviço de organização e, por último, o da Serra dos Orgãos — a cujos estudos preliminares estamos procedendo e que terão, como imediata consequência, a proibição de qualquer derrubada em toda a área a ser delimitada. Temos ainda, futuramente, dentro do programa do Presidente da República e do Ministério da Agricultura, nesse sector, de estudar a possibilidade de estabelecer, em cooperação com o Estado de Minas Gerais, o parque do Rio Doce, de exuberantes florestas e de lindos lagos, e ainda o da ilha Bananal — a maior ilha fluvial do mundo — em Goiaz, em pleno Oeste brasileiro, o qual, como o das terras do Iguassú, já creado, foi preconizado em 1876 por André Rebouças, cujas idéias sôbre criação de parques naquele ano remoto surpreendem péla atualidade e encantam pelo gênio imortal que as enunciou. Por outro lado, a organização de diversos parques municipais, de menor vulto, nas proximidades de cidades do interior, vem tomando intensa feição prática, sob os cuidados da Secção de Parques do Serviço Florestal que, mediante o conhecimento dos locais escolhidos, orienta as prefeituras interessadas, enviando-lhes indicações úteis e mesmo o técnico, como o fez para Cuiabá, cujo parque municipal é, no gênero, um padrão.

Parque Nacional de Itatiaia

O Dr. Francisco Iglesias apresentou-nos ao chefe da Secção de Parques Nacionais, Dr. Otávio Silveira Melo, que assim nos falou sobre o Parque Nacional de Itatiaia:

— Esse parque está situado nos limites dos Estados de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro e ocupa uma área de 11.943 hectares de matas e campos naturais, sendo dominado pelo famoso pico das Agulhas Negras. Sua altitude varia de 750 a 2787 metros. Na altitude de 1.960 metros existe o local denominado "Casa das Macieiras", que serve de pouso aos biólogistas e estudiosos em geral que visitam a região.

nacionais, além das finalidades da conservação da flora e da fauna, será lugar de atração e daí não prescindir de boas estradas.

O sistema rodoviário de Itatiaia não será um sistema isolado, mas bem ao contrário, pois terá ligação com as grandes estradas que demandam Minas, São Paulo e Rio, como, aliás, muito bem o entendeu o Dr. Yedo Fiúza.

O Parque Nacional de Itatiaia já tem pessoal técnico, assim como guardas, embora em pequeno número, para sua necessária administração e proteção.

Deixando por instantes o Dr. Silveira Melo, voltámos a conversar com o Dr. Francisco Iglesias sobre os demais parques.



As Agulhas Negras, no Parque Nacional de Itatiaia

Estão ali sendo feitos estudos de fito-fisiologia e geo-botânica e ao mesmo tempo prossegue-se na descrição da flora e da fauna de Itatiaia.

No corrente ano, com os créditos conseguidos do Governo, estão sendo instaladas a sede e demais dependências que deverão integrar a organização florestal do parque.

O Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, sob a direção do Dr. Yedo Fiúza, está dotando a região de estradas de rodagem magníficas, à altura da grande realização, pois o Parque de Itatiaia, como os outros parques

Antes de registrarmos aqui o que nos disse ainda o Dr. Francisco Iglesias, queremos transcrever em seguida o pequeno histórico que, como reporter, fizemos da famosa região do Itatiaia, no dia 24 de junho de 1937, quando se inaugurou aquele parque nacional.

O Departamento Comercial da Central do Brasil, onde então trabalhávamos, aceitou a nossa sugestão de fazer distribuir entre os excursionistas no dia de inauguração a referida contribuição, que por ordem do Dr. Jurandyr Pires Ferreira foi mimeografada e profusamente distribuída no trem e em Rezende.

Ei-la :

"A criação do Parque Nacional de Itatiaia é demonstração bem expressiva do interesse do Governo Federal na defesa do patrimônio florístico do país.

Desde 1914, as terras devolutas do ex-Núcleo Colonial de Itatiaia, numa área de 11.943 hectares, foram anexadas ao Jardim Botânico, graças à clarividência do saudoso parlamentar Homero Baptista, autor da emenda que autorizou essa incorporação.

Merce lembrado com simpatia e gratidão o nome do ilustre político riograndense, que tanto concorreu para a realização dessa obra de elevado alcance social e que agora pode ser perpetuada em consequência de ato recente do Exmo. Sr. Presidente da República creando o Parque Nacional de Itatiaia.

de Buenos Aires; professor Kóriba, da Universidade de Kioto; professor Kolkwitz, fisiologista da Universidade de Berlim; professor Tobler, diretor do Jardim Botânico de Dresden; professor Hadamard, da Sorbonne; e os cientistas nacionais: Franklin da Silva, em 1855; o engenheiro Massena, em 1867; Conde d'Eu, Dr. Glaziou e outros, em 1871; o engenheiro André Rebouças, com uma turma de alunos da Escola Politécnica, em 1887 e o Dr. L. Cruls, em 1898.

Dez anos antes dessa excursão, em 1877, já André Rebouças, preconizava a criação de parques nacionais no Brasil.

Quem vai a Itatiaia deve saltar na estação "Barão Homem de Mello", a segunda depois de Rezende, e distante da estação D. Pedro II 203 km. e 741 metros.



O Dedo de Deus, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Si essa região sempre foi procurada com interesse por estudiosos e homens de ciência, doravante poderá transformar-se em atraente recanto para turistas, logo que seja dotada de estradas bem construídas e de instalações adequadas como, aliás, é do plano que está sendo elaborado pelo Governo.

Em exposição recente ao Ministro da Agricultura, teve ensejo o atual diretor do Jardim Botânico de referir-se à visita que a Itatiaia fizeram inúmeros cientistas estrangeiros, citando os seguintes: Professor Berlioz, do Museu de História Natural de Paris; professor J. N. Rose, vice-diretor do Jardim Botânico de Nova York; professor Massart, reitor da Universidade de Bruxelas; professor R. Pilger, vice-diretor do Jardim Botânico de Berlim; professor Castellanos, da cadeira de Botânica da Universidade

O pico de Itatiaia dista da estação 26 quilômetros, e a estrada de rodagem que o serve corre em grande extensão a cavaleiro do rio Campo Belo, até Prateleiras".

Parque Nacional da Serra dos Órgãos

O diretor do Serviço Florestal, continuando, nos adeanta as seguintes informações :

— Creado pelo decreto-lei n. 1.822, de 30 de novembro de 1939, está o parque da Serra dos Órgãos em início de organização.

Com o crédito de 300 contos prosseguem os estudos da região para efeitos de limites e

desapropriações necessárias, picadas, casas para residência do administrador e dos guardas e construção de um portão monumental para assinalar a realização do cometimento.

O parque compreende terras nos municípios de Magé, Petrópolis e Teresópolis e tem como ponto central o famoso "Dedo de Deus", da Serra dos Órgãos.

pois se acha encravado no ângulo formado pelos rios Paraná e Iguassú, em zona frotéirica com a Argentina e o Paraguai.

Os trabalhos de organização que se realizam neste momento em Iguassú compreendem a construção de casas para a administração e guardas e de um grande hotel para turistas e ainda de um aeroporto.



As Cataratas do Iguassú, no Parque Nacional do Iguassú

Já ha um botânico do Serviço Florestal estudando a flora da região.

Parque Nacional do Iguassú

Prosseguindo, disse-nos ainda o Dr. Francisco Iglesias :

— O Parque do Iguassú, que está em plena organização, foi criado pelo decreto-lei n. 1.035, de 10 de janeiro de 1939.

Acha-se êle ao lado das famosas cataratas de Iguassú e tem uma área de mais de 80 mil hectares, com massiças florestas virgens, povoadas por grande número de animais da fauna sul-americana. É especial sua situação geográfica,

Fiz, acrescentou o Dr. Iglesias, em companhia de outros técnicos, demorada visita à região, percorrendo-a de avião, por via fluvial e em automovel. Pude então determinar os locais das construções de que já lhe falei e providenciei para o início dos trabalhos, que já vão bem adiantados.

Outros parques projetados

O Governo mandou desapropriar, por utilidade pública, terras situadas à margem da Estrada Rio-Petrópolis e declarou remanescentes as florestas nelas compreendidas para constituirem um parque nacional.

É possível que essas terras venham a fazer parte do Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

Parque Nacional do Rio Doce

O Dr. Francisco Iglesias esteve no mês passado em Minas afim de concertar providências junto ao Governo mineiro sobre a criação do futuro Parque Nacional do Rio Doce.

Essa região, riquíssima em florestas virgens, compostas de essências de lei, encerra grandes e pitorescos lagos, que darão ao conjunto gigantesco do parque um interesse muito especial, quer sob o ponto de vista do turismo, quer como reserva natural da flora e fauna.

Será localizada nas proximidades da confluência do rio Piracicaba com o rio Doce.

Pelos telegramas publicados na imprensa do Rio sobre a viagem do Dr. Francisco Iglesias a Belo Horizonte, verificou-se a decisão de Minas em apoiar a ação do diretor do Serviço Florestal.

Parque Nacional da Ilha do Bananal

A Diretoria do Serviço Florestal já tem dados e fotografias da ilha e de seus recursos, suas belezas naturais e de seus habitantes indígenas, etc.

É a maior ilha fluvial do mundo e sua superfície excede a do Estado de Sergipe.

A formação desse parque está prevista no programa que o Serviço Florestal vai realizando por ordem do Ministro da Agricultura e de acordo com o programa do Presidente Getúlio Vargas.

Policia Florestal

O diretor Francisco Iglesias já propôs ao Ministro da Agricultura a criação de uma pequena Policia Florestal para os hortos e parques.

Essa polícia terá a finalidade, além de suas próprias atribuições, de orientar as populações das diversas regiões no sentido da conservação, exploração e aproveitamento das florestas, em seus vários fins utilitários.

Não terá ela inicialmente mais de 44 homens, que farão um curso prático de silvicultura na respectiva secção do Conselho Florestal, conforme o regulamento que lhe for determinado.

Essa milícia é o embrião de uma grande organização, que deverá atuar em todo o território nacional, a exemplo do que se faz nos países mais adiantados do mundo.

A GUARDA DAS FLORESTAS PELOS GOVERNOS ESTADUAIS

Pelo decreto-lei 2.014, de 13 de fevereiro de 1940, ficaram os governos estaduais autorizados a promover a guarda e a fiscalização das florestas, bem como a exercer as funções necessárias à execução do Código Florestal em seus territórios.

Deve-se essa medida à iniciativa do Serviço Florestal.

REFLORESTAMENTO À MARGEM DAS ESTRADAS DE FERRO

Uma das providências mais oportunas tomadas pelo atual Governo é, sem dúvida, a referente à obtenção de lenha para as estradas de ferro, de acordo com as normas estabelecidas pelo decreto-lei n. 1.665, de 9 de outubro de 1939.

O Serviço Florestal está realizando, conforme dispositivos dessa lei, o reflorestamento das terras marginais às linhas férreas, em colaboração com as diretorias das estradas.

Assim é que já se entendeu com a Central do Brasil, onde encontrou todas as facilidades por parte de seu diretor Dr. Waldemar Luz, que determinou a ampliação dos hortos dessa estrada em Governador Portela e Avelar, na Linha Auxiliar, para intensificar a produção de mudas para replantio.

Para servir a zona de siderurgia resolveu ainda o Dr. Waldemar Luz promover a fundação de um novo horto em Corinto.

Idênticas medidas estão sendo adotadas na Estrada de Ferro Maricá

O Dr. Paulo de Souza, chefe da Secção de Silvicultura do Serviço Florestal, tem a seu cargo essa tarefa, que será extensiva às demais estradas de ferro federais.

Das estradas de ferro existentes, afora a Paulista, a única que vem fazendo trabalho eficiente e intenso de reflorestamento é a Great Western, sendo os serviços fiscalizados pelo Governo de Pernambuco, por intermédio da Inspeção Florestal do Estado. Por outro lado, as usinas de açúcar são obrigadas, por determinação oficial, a produzir quantidades suficientes de mudas para replantio, tornando-se assim mais extensivo o reflorestamento.

Os Estados da Paraíba e de Alagoas já estão em entendimento com o Serviço Florestal para execução de trabalhos semelhantes.

MELHORAMENTOS NO JARDIM BOTÂNICO

Pelo novo regimento do Serviço Florestal, a área do Jardim Botânico será ampliada pela anexação das terras pertencentes ao Horto Florestal da Gávea.

Grande parte dêsses terrenos, num total de 83 hectares, está coberta de matas e será artis-

tos estudosos, o estudo prático de nossa botânica.

NA SECÇÃO DE BOTÂNICA DO SERVIÇO FLORESTAL

Quando estivemos no Jardim Botânico, aproveitámos a oportunidade e visitámos tambem as secções de Botânica e de Tecnologia de Produtos Florestais.

Na de Botânica conversámos com o seu chefe.



Angelim, árvore altamente decorativa e que dá bastante sombra

ticamente aproveitada afim de formar um conjunto harmônico com o atual jardim.

Serão feitos, entre outros, os seguintes melhoramentos: construção de um grande orquidário, estufas e de um lago de 12 mil metros quadrados para o cultivo e estudo de plantas aquáticas.

As árvores mais importantes, sob o ponto de vista de sua utilidade, serão marcadas com letreiros com sua classificação, facilitando assim,

Era a segunda vez que tínhamos o prazer de falar ao professor Kuhlmann.

Em 1932, na Sociedade Nacional de Agricultura, quando instalada na sua antiga sede da rua Primeiro de Março, o professor Kuhlmann fez uma comunicação sobre a **Juta Paulista**, cultivada em Lorena, no Estado de São Paulo.

Estávamos lá a tomar notas para o "Correio da Manhã" e assim tivemos ensêjo de conhecê-lo pessoalmente.

Agora, ainda na qualidade de velho repórter, avistámo-nos novamente com o grande botânico brasileiro, que há decênios vem estudando apaixonadamente a flora do país.

No seu trabalho silencioso, naquela pequena sala atulhada de livros e folhetos, a figura serena do cientista, entregue à tarefa de pacientes pesquisas, encanta pela sua simplicidade, que infunde naturalmente respeitosa simpatia.

Inteirado do objetivo de nossa visita, o professor Kuhlmann começou por nos informar que a Secção de Botânica está estudando tudo quanto aparece na nossa flora, não só sob o aspecto científico como principalmente sob o econômico.

Falámos-lhe de reflorestamento.

— Ha muito que fazer, como sabe. O reflorestamento pode também ser feito com o pinho, em Minas, para cobrir áreas imensas que hoje estão ocupadas por pastos; na Serra do Mar, no Estado do Rio; na Serra da Bocaina, em São Paulo, e em Goiás e Mato Grosso.

A uma nossa observação sobre a necessidade de intensificar-se o reflorestamento, disse:

— Não ha dúvida. Isto é o que se está fazendo agora, pois o replantio sempre foi insignificante em relação à devastação. Mas sobre o pinho não é demais que se diga que é enorme seu valor econômico, pois além da madeira fornece uma pasta considerada de grande valor na fabricação do papel. Ha ainda a possibilidade de seu fruto, o pinhão, concorrer para a nossa economia, sob a forma de farinha ou fécula. O pinheiro forma também uma fibra de que se pode fabricar uma pasta absorvente como o algodão.

Falando sobre madeiras de lei, o professor Kuhlmann declarou:

— O Ipê-peroba, abundante nas cabeceiras e no vale do rio Doce, fornece a maior tonelagem da madeira consumida em nossas marcenarias e em construções, e é conhecido como "Peroba de Campos". Ultimamente está sendo empregado para substituir a famada teca, na construção naval. Essa essência preciosíssima precisa ser replantada, como aliás já venho afirmando desde 1931.

O professor Kuhlmann falou depois nas matas homogêneas, cuja necessidade de formação encarece, pelo seu valor econômico.

— E essa tarefa, acentuou, cabe de certo ao Governo, que poderá conseguir áreas adequadas e vastas, sem pressa de sua exploração. Quero

referir-me às matas de essências preciosas, de crescimento demorado, podendo também ser apreciada a formação de bosques de árvores heterogêneas para lenha e de crescimento rápido.

A devastação dos carnaubais do nordeste e dos pinheirais do sul é motivo para judiciosas observações do eminente botânico, que nos pergunta:

— O senhor conhece o licuri?

Claro que não conhecíamos.

E o professor Kuhlmann nos esclarece:

— É o *coccus coronata-Martius*, palmeira de pequeno porte, de dois a quatro metros de altura, e que dá uma cera que se julga superior à da carnauba. Encontra-se na Baía, em Alagoas e em outros Estados do norte. As marcas deixadas pelas folhas no estipe formam espirais em sua volta. Aqui no Jardim Botânico temos belos exemplares:

E, sorrindo satisfeito, o mestre acrescentou:

— O senhor não vai agora para a cidade?

Pois olhe, ali no jardim do Palácio Monroe, lado da Avenida, e bem perto da escadaria, ha um licuri.

E o professor Kuhlmann não entrou em mais detalhes sobre a preciosa palmeirinha.

Quando passámos pela Avenida Rio Branco, a identificámos logo.

Não ha nada como conversar-se com quem sabe. A gente fica pensando depois que já aprendeu muita coisa e essa satisfação momentânea cresce si o assunto é do terreno científico. Quanto a nós, em casos como esse do licuri, sentimos alegria e surpresa, que a nossa santa ignorância sempre nos proporciona, graças a Deus...

Mas, falta ainda registrar o que nos disse o professor Kuhlmann, quando nos despedimos:

— A tendência é para sairmos do processo da indústria extrativa e, sendo assim, impõe-se a cultura intensiva do licuri.

— O campo é vasto demais para, numa ligeira palestra, abordar-se as numerosas questões que se relacionam com a nossa flora.

Deixando a Secção de Botânica, fomos levados à presença do professor Djalma Guilherme de Almeida, chefe da Secção de Tecnologia de Produtos Vegetais, que nos convidou a visitá-la no Horto Florestal, muito distante do Jardim Botânico, lá junto às montanhas, num recanto magnífico da Gávea.

O professor Djalma nos conduziu em seu automovel e em caminho nos falou nos "talhões" que já mediou, enumerou e registrou.

Concordávamos. Mas sentíamos uma duvidinha, que íamos sofreando, porque nos atra-palhava. Os "talhões" talvez fôssem cortes nas madeiras, como fazem os seringueiros. Talvez.

De repente, despejâmos a nossa dúvida :

— Mas, doutor, que é um "talhão"?

— É uma área plantada com uma só espécie florestal. E aqui no Horto temos 37 talhões diferentes.

E assim ficámos sabendo de uma coisa, que nos parecia até ha pouco muito complicada...

Chegámos, afinal ao Horto. Operários serravam troncos de árvores afim de dispô-los depois convenientemente em lugar adequado. Todos êsses troncos passavam a receber uma chapinha com sua classificação científica. Tambem se serravam discos de madeira de 2 e 3 palmos de diâmetro, de apresentação variada. Um deles, muito claro, ao centro continha outro círculo e êsse de um roxo vivo. Parecia ali pintado pela homem. O professor Djalma adiantou-nos.

— Esta madeira é o "quebracho", de aproveitamento industrial sobretudo nos cortumes, pela grande quantidade de tanino que contem. Como sabe, o quebracho é encontrado no sul de Mato Grosso, na Argentina e no Paraguai.

E o Dr. Djalma Almeida acrescentou meio melancólico :

— Mas é uma pena. O "quebracho" tende a desaparecer dentro de 50 anos. Seu replantio é muito difícil, mesmo pela semente. Ha uma lenda entre os nossos índios a respeito da semente do quebracho. Acreditam êles que, quando é aproveitada depois de ter sido expelida pelas aves, germina facilmente. Mandei vir algumas e vou submetê-las a ensaios, afim de ver si assim consigo resultado semelhante ao obtido pelos indígenas, segundo sua credice.

Passámos a outra sala.

A parede, telas alinhadas ao alto e entre elas alguns claros, a mostrar que outras já haviam sido retiradas para qualquer fim.

Todas muito bonitas, de côres vivas, reproduzindo árvores de ornamentação, com sua floração característica.

— Porque retiraram dali algumas telas?

— O Serviço Florestal está fazendo imprimir um álbum florístico, que ficará uma beleza

e será feito com a fiel reprodução dessas árvores e dessas flores. Daí, pois, o aproveitamento dos primorosos trabalhos que o senhor está vendo copiados diretamente da natureza.

Parâmos diante de um aparêlho meio exquisito.

Era um micrótomo, nome decerto mais complicado que o próprio aparelho...

Fazia lembrar um dêsses cortadores de fiambre usados nas confeitarias. De um pedaço de madeira, num instante, tiram-se inúmeros cortes finíssimos para estudos anatômicos, realizados em outro aparêlho, êste de projeção, que tem a propriedade de aumentar extraordinariamente o tamanho da lâmina projetada.

Si num cortador de fiambre as fatias saem finas, no micrótomo saem muitíssimo finíssimas!

O micrótomo serve, pois, para o estudo anatômico da madeira, permitindo-nos identificá-la, até mesmo depois de transformada em objetos de uso, quer na marcenaria, quer na carpintaria. Vai mais longe: permite a identificação de madeira petrificada!

Outra sala :

Mostruários envidraçados.

Dispostos de forma agradável e todos numerados, retângulos de madeiras de diversas espécies se acham arrumados com muito gôsto.

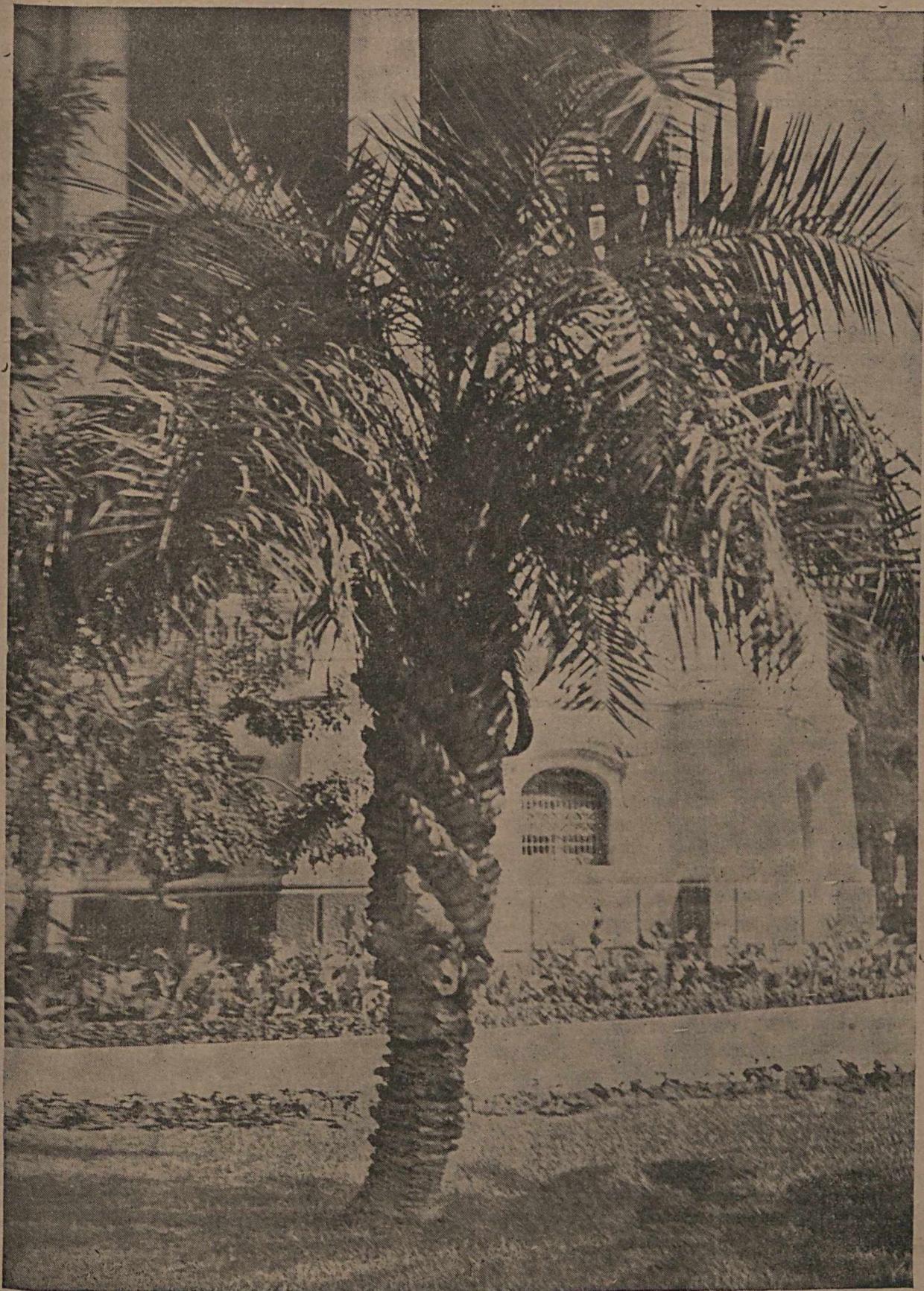
E a vítima de nossa bisbilhotice, o simpático professor Djalma de Almeida, explica-nos :

— Estas amostras nos vieram do Canadá, Índia, Argentina, Filipinas, Polônia, Nova Zelândia, Estados Maláios, Suíça, etc. Por nossa vez, temos remetido, para êsses e outros países, amostras de nossas madeiras. Mantemos ainda com o estrangeiro constante correspondência sobre assuntos botânicos. Assim, todos lucram com êsse intercâmbio, que tambem se faz aqui com o Serviço Florestal e os Estados. Aqui está uma bela oferta, que o Dr. Mello Barreto nos fez, de madeiras de Minas. Como se vê, é bem expressivo êsse espírito de cooperação entre os botânicos.

Agora, diante do fichário :

— Estas fichas registram a utilidade das madeiras brasileiras. Veja como é variada a série de nossas plantas taniferas.

Saímos satisfeitos do Horto Florestal da Gávea. A sua sede, que faz lembrar a de uma fazenda antiga, é acolhedora.



O licuriseto do jardim do Palácio Monroe, situado ao lado da escadaria da Avenida Rio Branco.

Tudo nos dispõe bem, até aquele cheirinho das madeiras que estão sendo trabalhadas pelos operários e técnicos. Fora, o casarão não se acha isolado em meio de terreno calcinado pelo sol, como geralmente as nossas fazendas no interior. Ao contrário. A mata espessa desce da montanha, acariciando-nos com sombra e perfume e deixando ver de perto, numa ostentação de beleza e exuberância, todos os seus encantos naturais.

Fomos novamente à presença do Dr. F. Iglesias e demos-lhe nossas impressões dos valiosos e utilíssimos serviços a cargo do professor Djalma de Almeida.

E o diretor do Serviço Florestal retorna ao assunto dos parques, agora de forma mais ampla, e, como homem viajado que é, compara a natureza brasileira com a européia e norte-americana.

— O problema florestal no Brasil é nitidamente peculiar, não podendo ser comparado nem ao europeu, nem ao norte-americano.

Difere do europeu porque este apresenta a simplicidade de defrontar-se com florestas artificiais, homogêneas, criadas sob um clima de estações regulares, que caracterizam agudamente o ciclo evolutivo da planta.

Quanto ao norte-americano, difere igualmente, porque suas ricas formações florestais são também homogêneas, sendo ainda de notar que num e outro hemisfério o número de essências florestais é pequeno, permitindo um estudo menos complexo e aproveitamento mais fácil e rendoso sob o ponto de vista de sua utilidade econômica. Devemos ter em vista ainda as facilidades de transportes terrestres e fluviais das regiões florestais norte-americanas e européias.

Em nosso país, dada a sua variedade de clima, que vai do tropical ao equatorial ameno defrontamo-nos com numerosas espécies florestais com múltiplas aplicações industriais. Essa proclamada vantagem traz, porém, graves inconvenientes, gerando problemas tão nossos conhecidos. Por exemplo: grandes áreas são de difícil exploração econômica no que se refere ao emprêgo na indústria e na manufatura, uma vez que em uma pequena formação encontramos invariavelmente centenas de espécies. Uma exploração que dependesse da imbuia exigiria uma área de exploração muito grande, pois essa essência não é encontrada em massivos homogêneos e sim em promiscuidade com outras espé-

cies, também uteis, mas para fins diferentes. É verdade que para contrabalançar esse inconveniente temos, nos Estados do Paraná e Santa Catarina, massivos homogêneos de araucárias e também, no sul de Mato Grosso, numa região compreendida entre Ponta-Porã e as Sete Quedas, formações quasi homogêneas de peroba numa porcentagem de 80 %.

O Código Florestal classifica assim, para efeito de conservação e exploração, as matas do país em protetoras, remanescentes, modelo e de rendimento.

A ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO FLORESTAL

O Dr. Francisco Iglesias passou em seguida a tratar da organização da Diretoria do Serviço Florestal, que é integrada por quatro secções:

Tecnologia de produtos vegetais
Parques Nacionais
Silvicultura (hortos)
Botânica (integrada pelo Jardim Botânico).

O DICIONÁRIO DE PLANTAS UTEIS DÓ BRASIL

A Diretoria do Serviço Florestal está incumbida de prosseguir na organização do Dicionário de Plantas Uteis do Brasil, do botânico M. Pio Corrêa, que, ao falecer, deixou-o na letra F.

Segundo comunicação recebida pelo Ministro da Agricultura, da parte de seu colega das Relações Exteriores, havia sido iniciada em Paris a impressão do 3.º volume. O Serviço Florestal, portanto, terá de começar seus trabalhos com a concatenação de originais e provas referentes ao 3.º volume.

E o Dr. Francisco Iglesias adianta:

— O Governo, deante do vulto da obra, que servirá a leigos e cientistas, está empenhado em levá-la a cabo, devendo-se observar que instituições estrangeiras já se propuseram a isso. Como diretor do Serviço Florestal, estou organizando um serviço especial para o Dicionário, contando com a colaboração de todos os nossos botânicos e das sociedades de botânica existentes no país. A impressão dessa grande obra será feita pelo Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura.

Sobre a Secção de Tecnologia, o diretor do Serviço Florestal nos disse o seguinte:

de uma simples folha de flandres é que se consegue todo êsse barulho...

Pois bem, Raul de Paula, na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, durante alguns anos soube magistralmente tirar os melhores efeitos de sua folha de flandres: a máquina de escrever.

Os jornais do Rio e dos Estados publicavam todos os dias notícias dos trabalhos da Sociedade, com tal frequência e "martelamento" que se supunha que todo aquele imenso e formidável expediente era preparado por vasta equipe de funcionários.

Eram notas e mais notas sóbre um mundo de coisas. Raul de Paula expedia ainda pelo Correio lições às crianças sóbre a utilidade dos clubes agrícolas e em circulares falava em árvores, cooperativismo escolar, formiga, mel de abelha, praga de passarinho, o diabo.

E milhares, milhões de cópias dessas circulares saiam em jatos contínuos de um mimeógrafo, que só parava quando Raul de Paula ia para casa dormir.

E as nossas crianças do interior como ficavam contentes em receber diretamente as cartas de Raul de Paula! E, em retribuição, lhe remetiam, por sua vez, seus trabalhos escolares, que hoje compõem interessante e curioso museu infantil da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, conservado com desvelos especiais pelo Sr. Mário Vilhena, seu atual Secretário.

Ali trabalhou também, de forma apreciável, o agrônomo Humberto Almeida, na parte relativa à silvicultura.

Infelizmente os clubes agrícolas, que chegaram a cerca de mil, foram decrescendo em número. Agora a Sociedade só promove a organização de outros novos quando lhes pode dar assistência adequada, fornecendo-lhes sementes, mudas, livros e ferramentas, adquiridas com o saldo da verba de 1939. Embora no corrente ano não exista mais essa verba, o Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura passou a amparar a grande instituição dos clubes agrícolas, com assistência técnica e material a que já nos referimos, fazendo-os em articulação com a diretoria da util instituição.

Só essa providência mostra o descortino, a compreensão com que o Ministério da Agricultura encara essa campanha educacional. O "Correio da Manhã", em seu número de 16 de

julho último publicou oportuno artigo ressaltando êsse trabalho do Ministério da Agricultura.

Felizmente, essa conduta do Governo federal vai sendo em boa hora seguida por governos estaduais, como o de Pernambuco, que já creou a Federação dos Clubes Agrícolas do Estado, conforme decreto n. 488, de 27 de abril de 1940.

O presidente atual da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres é o Dr. Carlos Xavier Paes Barreto, sucessor do Sr. Rafael Xavier, que continua, entretanto, a prestar àquela instituição assinalados serviços, como seu acatado orientador, em quem predomina traço acentuado de espontâneo e sincero espírito de cooperação e visão ampla dos problemas nacionais.

A secção dos clubes agrícolas da Sociedade está atualmente a cargo do Sr. Mário Vilhena, que vem trabalhando ali com boa vontade e solicitude. As professoras públicas do interior, continuando a cooperar com devotamento na fundação e manutenção dos referidos clubes, formam valiosa falange de servidoras utilíssimas a essa campanha.

A DEVASTAÇÃO DAS MATAS NAS LINHAS DA CENTRAL

— Sexto.

E o elevador nos levou ao Departamento Comercial da Central do Brasil, ali na Avenida Rio Branco, esquina de Rosário.

Seu diretor compõe e interpreta tarifas.

Para nós, aquelas tabelas, que fazem lembrar uma tábua de Callet, são duras de roer.

Em abril ou maio o dr. Jurandyr Pires Ferreira solta edições novas.

Protestos, reclamações.

Em notícias, tópicos e artigos os jornais veiculam o clamor.

No fim de certo tempo a coisa vai se di- luindo e só uma ou outra reclamação aparece. E às vezes a situação chega a inverter-se. O Dr. Jurandyr recebe telegramas de convite para explicar melhor seu até então malsinado trabalho, assim como se dissesse:

— Perdão, não o havíamos entendido bem.

E agora esperem pela volta! Deixem o Dr. Jurandyr falar sóbre tarifas.

Na Escola Politécnica suas aulas marcaram época e no Clube de Engenharia o conhecido

professor começa suas conferências no melhor dos mundos, evocando o suavíssimo Tagore ou delicadas lendas japonesas impregnadas dêsse misticismo que se sente à distância, mas que não se define bem.

Já se disse que os poetas vêm catedrais até nas sargentas.

Jurandyr faz de suas tarifas um poema.

Sente-o com emoção. Está acabado. Daí, pois, por uma questão de associação de idéias, lembrar-se de precedê-las em suas conferências das poesias, das lindas poesias de Tagore, evocando-nos suas barbas de profeta e seus olhos aveludados e também contando-nos histórias de Samurais e Mandarins, em estilo diferente do do saudoso Luiz Guimarães Filho, mas com o mesmo colorido de cintilantes pedras preciosas.

Enquanto todo mundo vive discutindo a melhor forma de estancar a devastação das matas de Minas, o boníssimo Dr. Jurandyr arranjou meio de protejê-las com uma cerca de arame farpado, que fere, arranha de verdade os seu exploradores. É toda ela feita de tarifas escorchantes, que se tornam ainda mais escorchantes quando aplicadas a grandes distâncias.

Porque, em Minas, há o seguinte: As empresas siderúrgicas rasparam quasi tudo. No ano passado já estavam buscando carvão a cerca de 500 quilômetros de distância e as matas iam sendo "lambidas" aos poucos, surgindo em seu lugar magníficos desertos.

Pois bem, o dr. Jurandyr Pires Ferreira, com seu secretário dr. Adalberto Pita, soltou, pela primeira vez no Brasil, ali da Avenida Rio Branco, as tarifas iniciais de proteção das florestas. Fê-lo caladinho, sem barulho, sem nada. E esse seu processo um dia ha de ser extensivo a todas as estradas de ferro.

E aos devastadores não convém de forma alguma pagar mais caro, nas grandes distâncias. Preferem podar as árvores que ainda restam perto das usinas, enquanto esperam confiantes pelo reflorestamento que o dr. Francisco Iglesias já combinou com o dr. Waldemar Luz e que felizmente se vai fazer, não só na Central como em outras estradas do Governo.

Resolvemos trazer para a "Revista do Serviço Públíco" uma pequena amostra da tarifa para transporte de carvão nas linhas da Central do Brasil, que o Dr. Jurandyr P. Ferreira organizou:

CARVÃO VEGETAL POR TONELADA

Km	TARIFA ANTIGA	TARIFA NOVA
100	13\$0	28\$0
200	20\$0	53\$2
300	26\$3	65\$2
400	31\$9	77\$2
500	36\$8	89\$2
600	41\$0	101\$2
700	44\$5	113\$0
800	47\$3	122\$0
900	49\$4	131\$0
1000	50\$8	140\$0

O Departamento Comercial é um verdadeiro Instituto de Tarifas.

O assistente do dr. Jurandyr Pires Ferreira, dr. Estelita Jorge, aos nos fornecer a tabela acima, nos advertiu de que na reforma tarifária da Central do Brasil não se cogitou de majorar as rendas da estrada em detrimento do progresso das zonas por ela servidas.

— Seria facil e cômodo, acentuou bem o simpático engenheiro, limitar-se o técnico a dobrar tarifas, sem cuidar do reflexo dêsse aumento sobre as condições econômicas, sociais e políticas de largos trechos do país, onde o problema do transporte varia de apresentação, atentos os aspectos mais diversos, característicos, peculiares de cada zona.

— Perfeito.

(E o dr. Jurandyr assim confirmou).

O dr. Adalberto Pita:

— Todas as nossas estradas de ferro devem fazer reflorestamento, pois que são também consumidoras de lenha, e uma lei de obrigatoriedade nesse sentido devia ser baixada, sem demora.

— Ótimo.

(E' claro que essa aprovação é ainda do Dr. Jurandyr).

O diretor do Departamento Comercial aproveita seu otimismo, ensinando, realizando. E na Comissão de Coordenação de Transportes vai armando, em artigos, parágrafos e alíneas, uma série interminável de medidas que possibilitem a ligação de todas as estradas de ferro do país, que hoje estão isoladas, e também o estabelecimento de tráfego mútuo dessas estradas com as companhias de navegação fluvial e marítima.

Desejo assim mostrar o administrador, o técnico operoso que quer ver o Brasil com uma grande rede de transportes bem conjugada e não isto que está aí, colcha de retalhos de pequenas rãdes, desarticuladas, num isolamento estúpido e incompreensível.

Como professor que é, o dr. Jurandyr Pires sabe o efeito de um exemplo, quasi sempre melhor que uma longa explicação. E sobre essa coisa de tráfego mútuo, perguntou-nos de repente:

— Você, Ribeiro, já pensou na trabalheira que lhe daria si, por exemplo, quizesse mandar um piano de Barra Mansa, aqui no Estado do Rio, para o Crato, no Ceará?

E sorria satisfeito de nosso embaraço, com essa alegria sã de colegial quando nos pergunta: "Que é, que é...?"

— Atualmente isso não é só difícil, continuou. É uma verdadeira tragédia. Você precisa ter em cada fim de linha uma pessoa de sua confiança para redespachar o piano, até chegar este ao Crato. Pois bem, quando tudo estiver bem articulado, como pretendo conseguir com os meus companheiros da Comissão de Coordenação de Transportes, o piano vai bater lá no Crato direitinho, com a mesma facilidade com que se consegue com uma carta pelo Correio.

Saímos do Departamento Comercial vendo tudo côn de rosa. Trocaram-nos os óculos pelos do Dr. Pangloss...

As tarifas ardilosas de proteção às florestas de Minas e este caso curioso do piano só ocorriam sem dúvida àquele homem prático, que na presidência dos congressos de engenharia, na cátedra de professor, ou na repartição que dirige, sabe dosar tudo com excelente bom humor, paciência infinita e com a graça inocente de suas lendas orientais.

O REFLORESTAMENTO NO DISTRITO FEDERAL

Não se pode falar em reflorestamento no Distrito Federal sem referência à obra de Humberto de Almeida.

Aqueles que com ele trabalharam no antigo Horto Florestal da Gávea, quando solicitados a tratar do assunto, antes de qualquer informação, perguntam invariavelmente:

— Já conversou com o Humberto de Almeida?

E nessa pergunta não se vislumbra apenas o desejo de indicação de pessoa conhecida da matéria. A forma de dizer, a entonação do conversou e logo depois a citação do nome do conhecido silvicultor, denunciam que estamos falamo com quem ficou impregnado da influência benéfica de uma pessoa cuja ausência de muitos anos não fez diminuir.

O nosso colega na redação do "Correio da Manhã", Salim Simão, dizia-nos ha dias:

— Puxa, seu Ribeiro, vá conversar com o Humberto de Almeida! Você ha de gostar; e ele, menino, nessa coisa de matas, é um bicho! E depois, Ribeiro, o Humberto é um homem simples e bom. Ele prende a gente com aquela voz macia e com a fumaça de seu cigarrinho de palha, de que se serve para lembrar-se mais depressa de coisas do passado.

Sentíamos as deficiências da nossa pobre reportagem. Precisávamos mesmo conversar com o Sr. Humberto de Almeida, que, junto de Iglesias, Luiz Simões Lopes e Djalma de Almeida, trabalhou muito tempo no Horto Florestal da Gávea.

Magalhães Corrêa combinou a apresentação.

Estávamos à porta da Tabacaria Londres, à espera de nossa próxima e indefesa vítima.

Ha sempre uma surpresa em apresentações.

Temos plena liberdade de imaginar a pessoa que não conhecemos dando-lhe um tipo que nem sabemos mesmo como creamos e que, afinal, fica estabelecido como definitivo. E êsse abuso de criação dá nisto: quando prevemos um Paulo Hasslocher, surge-nos um Viriato Corrêa ou um Raimundo Magalhães...

Ha, entretanto, homens que têm físico adequado ou, melhor diríamos, "reajustado" às suas atividades. Casam-se perfeitamente.

O diretor da Cruzada Nacional de Educação, francamente, só poderia ser mesmo o Sr. Gustavo Armsbrust. Outro naquelas funções, como o Sr. Cáio Monteiro de Barros, por exemplo, não ficaria bem.

Agora, vamos ao Sr. Humberto de Almeida. Chegou.

Estava certo.

Conciliação perfeita.

Começámos a conversar.

Naquele "Gulf-stream" da avenida Rio Branco, à 5 horas da tarde, no corre-corre para o jantar, ninguém poderia supor que se pudesse conversar sobre florestas.

— O Magalhães Corrêa falou-me do seu desejo de ouvir-me para uma reportagem na Revista do DASP. Mas não ha muito que dizer sobre o assunto. Poderia dar-lhe umas notas sobre as árvores mais antigas da cidade, mas os meus livros e os meus papéis estão em Miguel Pereira, onde agora estou morando. Entretanto, não se deve tratar de reflorestamento no Distrito Federal sem se falar, em primeiro lugar, no major Archer, que, em 1862, restabelecia as matas da Tijuca, devastadas no tempo de D. João VI. O senhor não precisa tomar nota disto. N"O Sertão Carioca", o Magalhães Corrêa diz muito bem quem foi esse Major Archer, que até hoje não tem nem um beco no Rio de Janeiro com o seu nome.

E, prosseguindo :

— Parece-me, começou modestamente o Sr. Humberto de Almeida, que o reflorestamento deve ser feito com essências indígenas, mas já se plantou uma vez nas Paineiras pinho de Riga. Foi uma tentativa. E' bom não se apegar a idéias velhas de que só as plantas exóticas são passíveis de cultura. O Major Archer lidou com mais de cem espécies diferentes e sempre com os melhores resultados. Todas elas suportam bem a semeadura, a repicagem e o plantio definitivo. O reflorestamento, visando o corte para lenha, deve ser feito com o "jacaré", os angicos, o cabuí, que com tres anos apenas podem ser aproveitados. Sou adepto das formações homogêneas, pelo seu valor econômico. Plantei 300 pés de "óleo vermelho", ha mais de dez anos, no Horto Florestal da Gávea — e acho que deles se podem esperar bons resultados — e vários "talhões" de outras essências, que aí estão a atestar que não são absolutamente de crescimento demorado, como dizem. O barão de Escragnolle, em 1879, como sucessor do major Archer, arborizou a Estrada Nova da Tijuca. Ha, portanto, certo exagero em falar-se nas suas árvores seculares...

O Sr. Humberto de Almeida não quiz comentar nada.

Esses tres pontinhos que aí se vêm foram postos por nossa conta.

Quando ouvimos a referência ao Barão Escragnolle, nos lembramos de um passeio que ha tempos fizemos à Tijuca.

O prefeito Prado Júnior resolveu prestar delicada homenagem à memória do barão de Es-

cagnolle, mandando abrir um claro na floresta diante da Cascatinha e aí foi levantado um marco artístico.

Numa de suas faces, em vistosos azulejos, a efígie do barão.

Estava certo. Gesto nobre, simpático.

Voltámos depois à clareira, numa tarde de intenso calor, à procura de descanso.

O marco estava todo mutilado.

O barão com os olhos furados.

Vamos prosseguir no registro do que nos disse Humberto de Almeida.

— Sobre reflorestamento à margem das estradas de ferro, deve-se plantar nos hortos que se fundarem variedades diferentes de essências próprias para dormentes. Publiquei ha tempos uma relação das essências mais resistentes com o registro de durabilidade de cada uma, depois de empregadas em dormentes, devidamente marcados, em chapinhas de ferro, com as datas em que foram utilizados na linha férrea. E agora, que se cogita desse reflorestamento é bom que se atente bem na escolha do que se vai plantar, visando-se sempre a durabilidade. A massaranduba é das essências mais resistentes, assim também a aroeira, cujo fruto é alimento dos passarinhos.

Falando das árvores antigas da cidade, o Sr. Humberto de Almeida prometeu enviar-nos de Miguel Pereira uma notas interessantes. Depois referiu-se a uma das maiores figueiras do Estado do Rio e que se encontra na Fazenda da Boa Esperança, em Paraíba do Sul. A parte mais estreita de seu caule tem 12 metros de circunferência e a projeção de sua sombra no solo mede 40 metros de diâmetro.

Ficamos enriquecidos de mais uma bela amizade, conhecendo Humberto de Almeida.

Atendendo à sua sugestão, aqui transcrevemos o que disse Magalhães Corrêa sobre o major Archer, no "O Sertão Carioca".

"A Fazenda da Independência, monumento histórico e natural, moradia e campo experimental do major M. Gomes Archer, o primórdio da silvicultura brasileira, foi o berço do reflorestamento da terra carioca, de onde se irradiou por todo o território nacional.

Foi aí que aprendeu, estudou e ensinou a silvicultura; nomeado, a 15 de novembro de 1861, administrador das Matas da Tijuca, instalou-se no sítio do Midosi, tendo por auxiliares seis bravos escravos da Nação: Constantino, Eleuterio, Leopoldo, Manuel, Matheus e Maria, dando comêço ao reflorestamento, com sementes e mudas de sua fazenda, a 4 de janeiro de 1862, trabalho hercúleo que

transformou os morros pelados de então nessa cúpula verdejante e maravilhosa da Tijuca, de 16.000.000 de metros quadrados com 100.000 árvores plantadas, de onde partiu, em 1874, para fazer o reflorestamento de Petrópolis. Nasceu na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, a 21 de outubro de 1821, faleceu em 1905, com 84 anos de idade, na Fazenda da Independência, sendo o seu corpo inhumado no Cemitério de Campo Grande.

Alma de artista, apaixonado da natureza, amigo dos pequeninos, exemplo surpreendente da capacidade de trabalho, morreu como vivera, entre a mata e os humildes, num ambiente embalsamado pelo perfume de nossas essências, ao som orquestral do murmúrio das águas e gor-geios dos passaros, no recanto encantador que tanto amara, berço da silvicultura brasileira.

Deve, portanto, ser considerado monumento histórico e natural a Fazenda da Independência, incorporada ao patrimônio nacional para exemplo à nossa futura geração.

Humberto de Almeida, a dois de fevereiro dêste ano, dirigiu ao prefeito interventor desta cidade um memorial lembrando a homenagem devida ao Major Manuel Gomes Archer, fundador da silvicultura brasileira, em vista do valioso reflorestamento que executou na Tijuca, devastada com a vinda de D. João VI.

E não conseguindo o seu patriótico intento da parte da Prefeitura, viu, no entanto, a sua idéia acolhida pelo diretor do Serviço Florestal do Brasil, Sr. F. de Assis Iglesias, que está tratando de pô-la em execução, como uma homenagem daquele Serviço ao grande brasileiro".

ALGUMAS NOTAS SÓBRE O BAOBAB

Árvore de raiz central profunda e laterais grossas, numerosas, desenvolvendo-se estas quasi à superfície do solo e com cerca de 30 metros de comprimento; caule ereto, com numerosas cavidades e casca acinzentada.

Flores brancas, com tons lilacinos, solitária, de 0,20 centímetros de comprimento e 10 de diâmetro; frutos em cápsula oblonga, até 40 centímetros de diâmetro longitudinal.

O Baobab não atinge a grande altura; no máximo chega a vinte metros, mas é considerado o maior colosso vegetal existente no mundo. Têm sido registrados exemplares com dez a dezenove metros de diâmetro comum e com vinte metros de circunferência. É ainda considerado como árvore de maior longevidade, de tres mil a seis mil anos. Prefere terreno arenoso e fresco, mas resiste às secas prolongadas, nas regiões áridas da África, seu "habitat". Fazem os naturais da região excavações nas inserções dos antigos galhos para guardar as águas pluviais, tornando-os assim verdadeiros reservatórios, ao longo das estradas.

A superstição africana empresta muitas lendas a esta enorme árvore — considerando-a

sagrada. De sua madeira branca, leve e porosa, fazem caixões de defunto, como abrem na própria árvore sarcófagos especialmente destinados aos guerreiros e poetas — (segundo Pio Corrêa "é mais ou menos admitido pela ciência que os corpos humanos depositados nessas cavidades são preservados da decomposição e se mumificam sem auxílio de qualquer preparação"). Em certas tribus, penduram-se em seus galhos os amuletos protetores, denominados gris-gris.

As folhas são comestíveis, enquanto novas, entrando mesmo na composição do famoso *cuscus* dos árabes; as flores, depois de secas, constituem o "lalo" dos senegaleses, prato muito apreciado por esse povo, e salutar para os rins e bexiga; a casca do fruto, "macua" dos angolenses e "molamba" dos moçambiquenses, partida ao meio serve de vasilha ou cuia para uso doméstico e a polpa, "boui" no Senegal, "pain de singe" dos franceses, é comestível, acídula, refrigerante, febrífuga e farinosa.

O Baobab é o antídoto do poderoso veneno fornecido pelo *Strophanthus hispidus* Dc.

Um dos exemplares mais notáveis desta espécie existe até hoje em Bijapur (Índia), onde durante o reinado dos Maometanos se realizavam inúmeras execuções que constantemente enbebiam em sangue humano as raízes da árvore.

No Brasil existem alguns exemplares e na Cidade do Rio de Janeiro, os seguintes: no Passeio Público, na parte onde fôra o horto, na face correspondente ao Largo da Lapa, existem 7, agrupados, ainda jovens, observados e estudados pelo silvicultor Humberto de Almeida.

Na ilha do Fundão, na face do canal de seu nome, ha um belíssimo exemplar; na ilha do Baiacú, destaca-se um interessante Baobab com a forma de um "litro de leite" de cinco braços de tronco, cujas ramificações se estendem na altura do suposto gargalo. É extraordinário e digno de conservação como monumento natural — segundo Magalhães Corrêa em seu trabalho "A Guanabara como natureza", publicado no suplemento do Correio da Manhã.

Em Icaraí havia um belo exemplar de Baobab, mas foi posto abaixo.

PARA DIMINUIR A DEVASTAÇÃO

Já tivemos enséjo, no começo desta apressada reportagem, de nos referir a todos os atos do Presidente Getúlio Vargas em defesa do patrimônio florestal do país.

Ressaltamos tambem a contribuição, de acen-tuado cunho educacional, de inúmeras pessoas de boa vontade que vêm trabalhando para diminuir, já que não pode ser estancada, a devastação que em todos os Estados vêm sofrendo as florestas, sobretudo as de maior valor econômico, de es-sências produtoras de matérias primas para inú-meros fins industriais.

Impõe-se uma legislação federal mais ade-quada à defesa de todas essas reservas flores-tais econômicas, cuja exploração irracional terá como corolário o seu completo desaparecimento, de vez que são plantas nativas, diferentes, por-tanto, das plantas cultivadas, que caracterizam a exploração agrícola.

Por outro lado, são plantas de crescimento demorado, que requerem "habitat", isto é, con-dições especiais e essenciais ao seu desenvolvi-mento e produtividade.

A maioria dessas plantas só produz em plena floresta, dentro de um ambiente ecológico que lhes é próprio. A cultura dessas plantas está ainda embrionária e em fase de pura experimen-tação, cujos resultados não são faceis de prever sinão após longos anos de observações. Muitas delas, quando cultivadas homogeneamente, não apresentam desenvolvimento normal ou perdem a faculdade de produção econômica.

Essas oportunas observações, nós as colhe-mos de conhecido técnico, que ainda nos forneceu a seguinte relação de plantas que vão sendo de-vestadas de forma lamentavel no Norte e Nor-deste do país :

No Norte

Carnaúba e Pati

No Pará e no Amazonas

Patauá — que substitue francamente o óleo de oliva na alimentação. É de grande valor ainda na farmacodinâmica e excelente para sa-boaria e perfumarias finas.

Bacaba — que dá óleo combustivel com idê-nicas propriedades às do patauá.

Assaí — dos frutos se faz bebida muito ali-mentícia e dos coquinhos, óleo para saboaria e perfumaria.

Tucuman — dá óleo para vários fins e mar-garina excelente para a alimentação.

Jupati — produz óleo usado como medica-mento e para saboaria.

Murumuru — margarina comestivel.

Cumarú — dá óleo amarelo-claro perfumado e muito exportado para a França, onde substitue na perfumaria e saboaria o sândalo.

Piquiá — fruto comestivel — produz óleo comestivel e banha e serve para fabrico de sabão.

Copaíba — bálsamo adstringente muito usado na medicina.

Pau-rosa — extrai-se líquido incolor, muito fluido, de odor agradável (mistura de rosa, li-mão e bergamota) e excelente fixador para per-fumes.

O licuri

O licuri merece referência mais demorada.

No mês passado, o agrônomo Renato Braga de Aragão, da Secção de Fomento Agrícola da Baía, esteve aqui no Rio e foi apresentado ao sr. Ministro Fernando Costa pelo Dr. Gastão de Faria, diretor da Divisão de Fomento da Pro-dução Vegetal.

O Sr. Renato Braga levou ao Ministro a cêra do licuriseiro, em pó e fundida e tambem folhas e coquinhos. Dêstes últimos se tira uma amêndoia, de largo emprêgo na indústria olea-ginosa.

Do caule se estrai o brô, espécie de farinha grossa que serve de alimento ao sertanejo du-rante as sécas rigorosas.

A fibra, extraída das suas folhas, é muito resistente na confecção de cordas.

Os municípios produtores de cêra de licu-ri-seiro se centralizam na zona sudoeste do Es-tado da Baía. Só os de Santa Inez e Maracás produzem cerca de 18 a 20 mil quilos de cêra por mês.

Exportação de cêra de licuri pelo Porto da Baía

Ano	Quilos	Valor
1937	747	4.482\$0
1938	53.939	323.643\$0
1939	137.666	1.255.818\$7

É preciso defender o licuri e outras palmeiri-nhas das criminosas derrubadas.

PARA EVITAR-SE MAIOR DEVASTAÇÃO DOS PINHEIRAIS DO SUL

Com a possibilidade de intensificar-se a fa-bricação do papel no país, passam os pinheiraís do Paraná e Santa Catarina a ficar na iminência de maior devastação.

Cumpre-nos fazer, portanto, consumo de outras matérias primas.

O jornalista Costa Rego, pelo "Correio da Manhã" de 9 e 28 de junho, secundando a opinião do Dr. José Maria Barbosa, diretor do Serviço de Economia Agrícola de Minas Gerais, sobre o aproveitamento do "linter" no fabrico do papel, mostrou o alcance dessa medida, de reais vantagens para o país, que já está considerado como um dos maiores exportadores do "linter".

Agora mesmo lemos que só de janeiro a março dêste ano o porto de Santos exportou "linter" no valor de 14.115:695\$0 para 11.625.145 quilos !

Prestem bem atenção : **Quatorze mil contos.**

UMA ENTREVISTA COM O DR. OKIRO DE SENA BRAGA

Estivemos no Laboratório Central de Fibras do Ministério da Agricultura, e falámos ao seu chefe, Dr. Okiro de Senna Braga, que nos declarou :

— Tratamos aqui do estudo experimental, físico e químico das fibras texteis vegetais.

Quanto ao aproveitamento do "linter", posso afirmar-lhe que se deve aumentar sua produção, isto é, só se distribuir sementes de algodão para plantio quando "delintadas", o que importa dizer: as sementes destituidas da massa pilosa, que recobre a semente depois do descarçoamento.

Vi recentemente em Campinas, no Instituto Agronômico do Estado de S. Paulo, no serviço a cargo do dr. Cruz Martins, um conjunto de beneficiamento de algodão completo e articulado, com uma aparelhagem magnífica de "delintamento".

Em S. Paulo, aliás, todas as sementes distribuídas para plantio são completamente "delintadas". Isto traz, entre outras vantagens técnicas conhecidas, a de um aumento de riqueza, pois nessa ocasião fui informado de que só o "linter" havia rendido ali uma importância de quasi mil contos, que em outros tempos iriam com a semente para a terra, inutilmente.

Quanto à divulgação feita pelo sr. Costa Rego, pelo "Correio da Manhã", sobre o aproveitamento do "linter" no fabrico do papel, só ha que aceitá-la como medida de grande alcance econômico. Ainda como lembrança, poderíamos citar as seguintes de nossas plantas texteis capazes de fornecer matéria prima para o fabrico do papel :

Palha de trigo e centeio; hastes de plantas texteis liberianas, tais como *Sida micrantha* (malvaíscos), enfim toda a parte lenhosa das malváceas conhecidas entre nós como guaximas, uacimas, malvinhas, malvas etc., das quais, depois de extraídas as fibras texteis das cascas, é jogada fora a parte lenhosa.

Por que não fazemos o mesmo com as partes lenhosas dessas fibras, como já se vai fazendo com o "linter" ?

Dou ao senhor essa sugestão.

Já ha estudos oficiais sobre o aproveitamento da haste da "*Urena lobata*" para o fim da produção de pasta de papel.

Sobre as fibras vegetais que poderiam fornecer pasta para papel e das quais temos estudos completos, premidos como nos achamos pelo desejo de libertar-nos de importação de fibras estrangeiras, devemos fomentar, sem dúvida, essa parte da riqueza nacional. E, assim, a haste teria a mesma importância do "linter".

O "linter" ou "fuzz" nada mais é do que "fibra" que não logrou um desenvolvimento longitudinal completo na semente do algodão.

REFORESTAMENTO

Além do reflorestamento pelo pinho, como nos falou o professor Kuhlmann, tivemos também indicação da "*Frema micrantha Blume*", conhecida popularmente como Crindeuva, Crindiuba, Coatindiva, Gurundiva, Pau de Pólvora, etc.

Esta planta, pelo seu crescimento rapidíssimo, é altamente recomendável para a silvicultura.

Das suas diferentes utilidades se destacam, segundo Pio Corrêa, as seguintes: madeira muito leve e macia, sendo provavelmente de grande valor para fabricar caixinhas para embalagem (quem sabe si para lapis, também ?); lenha de combustão muito fácil (talvez ótimo material para pólvora e com certeza para gasogênio); parte para papel de madeira; fibra para cordoalha e juta etc.

O Dr. Alberto Rego Lins, pelas colunas do "Correio da Manhã" vem mostrando o que tem sido a devastação das matas e de nossa fauna. Como membro do Conselho de Caça, o mesmo jornalista tem cooperado para o melhoramento de nossa legislação de caça, sugerindo medidas de proteção à nossa floresta e a instituição de

parques de criação, refúgio e reservas dos mamíferos e das aves do Brasil. Esses parques têm por fim também a defesa das matas e das essências preciosas, que se vão tornando cada dia mais raras.

Assim também os professores Magalhães Corrêa, Durval Ribeiro do Pinho, Leoncio Corrêa, Pedro Bruno e outros.

Como deixámos assinalado nesta reportagem, é realmente notável o trabalho do atual Governo em defesa do nosso patrimônio florestal.

As administrações estaduais, por sua vez, estão procurando pôr em prática as recomenda-

ções do Conselho Florestal Federal, que, de sua sede na capital do país, vem tomando uteis e oportunas iniciativas no sentido de salvaguardar as matas nacionais de uma destruição que já data de quatro séculos.

Merece particular referência a obra de Francisco Iglesias, que, na direção do Serviço Florestal, está coordenando uma série de providências com as administrações estaduais e com as diretorias de estradas de ferro no sentido da criação de hortos e parques, para conservação de essências preciosas, próprias de cada zona e que no futuro constituirão, sem dúvida, reservas de apreciável valor.

SUPOMOS QUE O ATIVO DO POVO BRASILEIRO SE-JA ENORME — MAS NÃO SABEMOS A QUANTO MONTA. ISSO É CONJETURA. FEITO O RECENSEAMENTO GERAL DE 1940, SABEREMOS SI ESSE ATIVO É REALMENTE GRANDE, PORQUE ENTÃO SABEREMOS A QUANTO MONTA. ISSO É CERTEZA. SUPOR É CONJETURAR. SABER É TER CERTEZA. MAIS VALE UMA CERTEZA DO QUE MIL CONJETURAS